

O REGIONALISMO LITERÁRIO DE MÁRIO PALMÉRIO EM *VILA DOS CONFINS*

Danilo L. C. Micali - UNESP/Araraquara
Karin Volobuef - Orientadora

O objetivo da comunicação é analisar aspectos do livro de estréia de Mário Palmério, *Vila dos Confins* (1956), sob a ótica do regionalismo. Para isso, devemos considerar inicialmente que, a grosso modo, o regionalismo atravessa três fases na literatura brasileira: a romântica (com a ênfase no pitoresco); a realista/naturalista (preocupada em registrar o meio social e as particularidades locais); a modernista (voltada para uma elaboração artística que, partindo das peculiaridades regionais, explora seus padrões e com eles cria novas formas de expressão). Dentro dessa tendência modernista destaca-se, sem dúvida, a figura de Guimarães Rosa, mas outros autores produziram também obras de destaque. Nesse sentido, Mário Palmério surge na década de 50 com uma proposta que reúne, de um lado, a percepção formal e a exploração de novos caminhos estéticos, consonantes com o Modernismo, e, de outro, o entrelaçamento do regionalismo com a narrativa histórica, viés que parece apontar em um direção já pós-moderna. Diante disso, nossa comunicação irá abordar a complexidade da linguagem em *Vila dos Confins*, mostrando suas várias dimensões e seu alcance inovador enquanto elaboração artística; bem como a feição histórica do romance, como obra que contribui para desvendar a essência do processo histórico-político brasileiro.

Vila dos Confins pode ser considerado um romance regional de difícil classificação, se levarmos em conta os critérios utilizados por Antonio Candido (1989, p. 161-162). Apesar de cronologicamente situar-se numa fase intermediária entre o regionalismo crítico-problematizante – que nos deu uma pré-consciência do subdesenvolvimento – e o super-regionalismo – que nos levou à consciência dilacerada do subdesenvolvimento –, ele possui no entanto, alguns traços pitorescos do regionalismo nacionalista – nossa primeira manifestação literária regional, ligada a consciência amena do atraso.

Os confins do sertão de Minas, ou o sertão dos confins – como o autor nomeia o cenário natural da região, no parágrafo inicial da obra – é o pano de fundo dessa empolgante história que, no dizer de Mário Palmério, “nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance”. Trata-se da região triangulina, de forte influência migratória onde convivem nordestinos, paulistas e gaúchos, além de mato-grossenses. *Vila dos Confins* nos traz a visão alegre de um sertão risonho (Almeida, 1968, p. 301), e seria apenas mais uma agradável narrativa de aventuras, com estórias de caçadas e pescarias, não fosse seu aspecto documental; vez que contribui para registrar um momento histórico marcante da nossa política na década de 50, deste nosso país tão grande e cheio de contradições.

Antonio Houaiss, em um estudo publicado na *Revista do Livro* em março e junho de 1958, passados dois anos da primeira edição do romance, analisa o cuidado de Palmério na elaboração do linguajar sertanejo, enfocando alguns aspectos essenciais do texto literário de *Vila dos Confins*, tais como o *estilo* e os *tipos de discurso* adotados; a *ideologia* e o *dialealismo* (como ele chama a ocorrência de dialetos presentes na obra). Segundo Houaiss (1958, p.122), Palmério imprime ao texto narrativo de *Vila dos Confins*, uma grande dose de autenticidade e de material telúrico, através de uma variedade de sons imitativos da natureza local (mineral, vegetal e animal), que se traduz pelo emprego de palavras onomatopéicas, a exemplo do que se vê em frases como: “Apenas o *pisca-pisca* descansado das brasinhas dos cigarros e o *chape-chape* das marolas na canoa” (Palmério, 1983, p. 36). Ocorre também uma diversidade de vocábulos e expressões tradicionais, de uso extensivo na língua regional brasileira (Houaiss, 1958, p.122). A título de ilustração, lembramos: *vacada* (p. 164); *um estupor de criatura* (p. 139); *invernada de jaraguá* (p. 150); *novilhada parida da vereda* (p. 16); *forçazinha* (p. 182); *um garatujado esquisito* (p. 19); *vagarenta como carro de boi* (p. 209); *urubu novidadeiro* (p. 204). Ainda o uso de formações de particípio passado *-ado(a)-s* e

-ido(a)-s é, como na língua comum, intenso em *Vila dos Confins*: acabritado, amoitado, jecada, tocaiado, velhacada, etc. (Houaiss, 1958, p. 160-162)

Antonio Houaiss analisa o estilo do autor em *Vila dos Confins*, referindo-se primeiro ao universo verbal da obra que, segundo ele, apresenta características que se opõem entre si, configurando um “verdadeiro sistema em equilíbrio dinâmico entre o popular e o culto, o regional e o nacional, o irregular e o canônico, o coletivo e o individual, o locativo e o extensivo, o dialetal e o normativo geral, o coloquial e o literário”. O talento literário do autor torna-se aí bem visível, pois esse equilíbrio é obtido de tal forma, “que quase não se pode suspeitar da autenticidade e da fidelidade do enlace estrutural formulação verbal + formulação mental, tratando-se de uma narrativa realista, consciente e crítica, em que o narrador encontra-se possuído de antenas fortemente conectadas com o fluxo move nte da paisagem física, vital e humana, pelos vínculos do afeto e de um plano de vida idealista acrítico” (Houaiss, 1958, p.122-123).

Temístocles Linhares (1978, p. 205), referindo-se ao processo de criação de *Vila dos Confins*, considera que o autor não se preocupou em adotar técnicas novas de narração, nem em ser original, conseguindo dessa forma evitar a idéia de fabricação literária e não se afastando do pensamento inicial que talvez mais o tivesse influído: o de narrar o que tinha para narrar.

– Iluminado interiormente por essa evidência, fosse ou não por puro pressentimento, o fato é que ele sabia estar de posse de alguma coisa instalada na vida coletiva, digna de ser narrada. E o caminho era muito simples, não consistia mais que em escrever e contar, o bom senso sempre a adverti-lo quanto à matéria-prima de que eram feitas as personagens e a própria temática do romance, pertencente mais à experiência e à memória do que à imaginação ou à fantasia. (Linhares, 1978, p. 205)

Um dado significativo – que causa impressão num leitor mais atento –, presente no romance *Vila dos Confins*, relativo a seu regionalismo literário, é sua característica “didática”. Este traço particular da obra – que a relaciona de forma inequívoca ao nosso regionalismo pitoresco ou nacionalista, de acordo com Candido (1989, p. 159) –, faz com que a idéia da

região triangulina mineira onde se desenrola a ação, se desenhe no imaginário do leitor de *Vila dos Confins*, como um lugar diferente, senão peculiar e até mesmo exótico. Trata-se, como já foi dito, de uma característica básica de nosso primeiro regionalismo literário, pois mostra um tipo de vida não familiar ao leitor da cidade, que, ao final da narrativa – assim como o deputado Paulo Santos (Mário Palmério) –, certamente já estará apaixonado pelo lugar (e pelo livro).

Tal caráter didático do texto narrativo talvez possa ser explicado, até certo ponto, pelo fato de Palmério ter sido em vida, além de político e romancista, um educador de renome naquela região de Uberaba, onde viveu grande parte de sua vida. O curioso tom “professoral”, que se pode notar em várias passagens do romance, agrada ao leitor pela maneira como é apresentado. A caçada à onça, por exemplo, empreendida e rememorada pelo Padre Sommer, consiste numa estória dentro da estória maior (a trama principal) e pode fazer-nos lembrar – se guardadas as devidas proporções – do conto maravilhoso (livros que lemos na infância e adolescência).

Desse modo, são várias pequenas estórias que surpreendem o leitor comum, ao aflorar à superfície narrativa através da mente das personagens, e além do relato sobre a onça jaguarana-pixuna temos o ataque da cobra sucuri e a pescaria com o Gerônimo. Contudo, vistas de outro ângulo, algumas dessas interrupções podem ser encaradas como entraves no ritmo da narrativa e na progressão da estória. É o que ocorre, por exemplo, na passagem que descreve os hábitos do “velhaco urubu roceiro” (Palmério, 1983, p. 203), assim como o episódio do galo João Fanhoso (Palmério, 1983, p. 75) no qual, tal como Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, em que o narrador adentra a mente das personagens (homens e animais) – quem não se lembra de Baleia? – o narrador de Mário Palmério descreve os sentimentos de um velho galo como se fossem os dele próprio.

Em verdade, Palmério fornece informações e explicações precisas sobre a vida natural (mineral, vegetal, animal ou humana) na região. Além disso, ele revela profundo conhecimento da alma humana e grande senso de observação das fraquezas e do “preço dos homens”. No entanto, se bem observarmos, podemos justificar de certa forma a presença de digressões pitorescas no livro, a uma tentativa do autor de “quebrar” ou de, pelo menos, tentar “amenizar” a seriedade e a importância da abordagem política.

Esses episódios, alguns deles considerados pontos altos do livro, podem não ser importantes e até comprometer a força da narrativa, a sua seqüência, o seu desenvolvimento natural, mas servem para comprovar os recursos de que o romancista é dotado. (Linhares, 1978, p. 206)

Com efeito, ao descrever com riqueza de detalhes a compra e venda de votos, as falcatuas e manipulações no processo eleitoral da Vila dos Confins, o “professor” Mário Palmério nos fornece uma lição de como ser ou não corrupto na política brasileira. Vejamos o seguinte trecho:

– Ótimo, ótimo! Então, combinemos o seguinte: os senhores ficam comigo – o Coronel Rocha e o Dr. Osmírio em toda a zona de influência deles, e o Coronel Chico Belo na Vila dos Confins; o Governador fará imediatamente todas as nomeações do interesse dos senhores – se quiserem já podem até viajar para a Vila dos Confins com o Capitão Otávio Jardim, que seguirá com ordem para requisitar o destacamento policial que julgar necessário. (...) Além disso, garanto ao Dr. Osmírio a inclusão na chapa para deputados estaduais e mil votos na minha zona; (...). E entro com cem contos para a campanha municipal da Vila dos Confins se os senhores me garantirem dois mil votos. Metade agora e metade depois da eleição ... (Palmério, 1983, p. 190)

Passagem interessante e curiosa é aquela em casa do Sr. Secretário dos Negócios do Interior do Estado (Dr. Carvalho de Menezes), onde a compra e venda de votos na política, tem como que um desfecho alegórico no jogo de cartas, do qual participa o Coronel Chico Belo. Teria sido intenção de Palmério, fazer uma analogia do jogo de cartas com o jogo político? Consideramos tal possibilidade bastante provável.

Dr. Carvalho foi ao baralho e comprou o sete de paus. (Era muito largo, mesmo! Fez trinca de sete, boando no nove e na dama de ouros, que tinha, na outra liga, o dez e o valete.) (Palmério, 1983, p. 197)

Realmente essa parte do livro ganha um aspecto universal, pois representa um fato político que faz parte da tradição histórica de grande parte dos municípios brasileiros. Aquelas passagens que registram o favoritismo político, seja em nível municipal, seja no nível das esferas mais altas, constituem a nosso ver os pontos altos da obra – no sentido de revelar e fixar um significativo momento histórico de nossa evolução política, como exemplificado no parágrafo abaixo.

Tudo arranjado: as nomeações, o dinheiro para a eleição do Chico Belo, a garantia de outros recursos para as eleições gerais. E estava seguro dos dois lados: votação do Carvalhinho, votação do Cordovil de Azambuja. Ganharia a Prefeitura da Vila dos Confins, de Ipê-Guaçu, de São Benevenuto. E iria eleger-se deputado estadual com toda a facilidade. Tapearia os dois: Carvalhinho e o Cordovil; ficariam queimados com ele, brigariam, mas depois tudo passava. Política era aquilo mesmo ... (Palmério, 1983, p. 202)

Num outro sentido, algumas passagens de *Vila dos Confins* que atestam os costumes políticos locais, deixam entrever a tipologia e a humanidade das personagens criadas pelo autor, como abaixo exemplificamos, neste trecho em que o deputado Paulo Santos tenta convencer Neca Lourenço a candidatar-se a vereador pela chapa do João Soares:

– Aí já é outra história, doutor. Não dou para isso, não, de jeito nenhum. Sou homem acostumado mas é a fazer cerca de arame, rachar aroeira, curar frieira de gado – homem da roça, cavouqueiro, sem instrução. Me bote num curral, num tronco de castração ou no cabo de um machado, que eu não faço feio. Me dê uma boiada e me despache para o sertão, que dou conta da encomenda . . . Mas não me mande cuidar de política, que um gato morto pendurado pelo rabo num arame de cerca faz muito mais figura do que eu. Não, seu doutor, tenha paciência! Me meta nisso não . . .

A sinceridade do Neca desarvorou Paulo. Falar mais o quê? O fazendeiro vivia metido na sua fumaça, cuidando das internadas, tratando de melhorar o gado ... Forçá-lo a descuidar dessas obrigações e a envolver-se nos mexericos do vilarejo, reacender a velha inimizade dele com os Belos – seria direito? Mas, e o João Soares? Fora ele, Paulo, quem metera aquela idéia na cabeça do companheiro, quem o estimulava a candidatar-se a prefeito ... E Antero, e o Tinoco, e o Seu Sebastião do Boi Solto? E o Nenzinho, e o Jorge Turco? E todos os outros que toparam a luta contra o chefe do lugar? Se Chico Belo ganhasse, aonde iriam parar os amigos? Política do interior não é política de centro grande – em que os adversários se abraçam e esquecem ofensas ... (Palmério, 1983, p. 169-170)

Em vista disso, o romance reveste-se de grande importância, uma vez que funciona como instrumento de denúncia da situação e condições políticas no interior brasileiro em fins da década de 50. O enredo criado pelo autor espelha de forma nua e crua os mecanismos de

manipulação e controle eleitorais no pós-30, que – apesar de inibidos após a decretação do Novo Código Eleitoral, que instituiu o voto secreto e obrigatório e a Justiça Eleitoral –, existem até hoje (Segatto, 1999, p. 213-214), como bem ilustra o excerto abaixo:

Para tentar ganhar as eleições, uma das facções manda buscar na capital um velho cabo eleitoral, experimentado e especialista em fraudes. Pereirinha, “vinha da época do bico-de-pena, das atas falsas, do tranqüilo reinado dos coronéis” [Palmério, 1971, p. 173]. Logo que chega à localidade, passa a ensinar o deputado as artimanhas para o controle dos votos. “Esta lei eleitoral é uma beleza: quem pode comprar títulos inutiliza os que não podem. O sigilo também não existe”. Explica, entre outros, o golpe da “marmita” (envelope): “– Ovo de Colombo, deputado! A coisa mais fácil do mundo. Por exemplo: o senhor quer descobrir em quem votou fulano, empregado seu, pessoa que lhe deve obediência. Basta entregar-lhe a *marmita* com a cédula de um deputado qualquer, nome desconhecido. Na apuração, aparece o envelope com aquele voto; se não aparecer ... sigilo! Voto secreto! ... Bobagens, Dr. Paulo, bobagens ...” [Palmério, 1971, p. 174]. (Segatto, 1999, p. 213)

Dessa maneira, torna-se evidente que a eleição fictícia em *Vila dos Confins*, construída por Mário Palmério, retrata com incrível semelhança fatos de nossa realidade política e histórica, ainda que o elemento telúrico e o pitoresco transpareçam a todo momento no texto narrativo. Até o “milagre” da multiplicação de votos, o narrador descreve com riqueza de detalhes, como quem “entende do assunto”:

Bastava a convivência do escrivão eleitoral para se inundarem as seções de eleitores-fantasmas. E o processo era simples. Nos últimos dias do alistamento, o partido reunia as certidões de idade remetidas pelos cartórios de paz e que sobravam, entregando -as aos cabos eleitorais de confiança. Cada um deles se incumbia de fazer porção de requerimentos, tudo com a própria letra, assinando-os com o nome constante da certidão de idade. E davam entrada às petições e assinavam o recibo e os títulos respectivos. Um eleitor ficava, assim, de posse de vários títulos, reproduzindo-se em vários eleitores. Compareciam nas seções, votavam, assinavam as folhas de votação, e não havia jeito de apanhar a fraude: a assinatura conferia com a do título ... Nas cidades onde as seções eram muitas, avalie-se o número de eleitores-fantasmas: um sujeito só a votar como Antônio, como Francisco, como José, como Venefredo ... Tantos cabos desse tipo multiplicados pelo número de seções ... (Palmério, 1983, p. 250-251)

A maioria dos críticos parece considerar Mário Palmério como romancista político, porquanto tenha ele feito o romance de uma eleição, e sabemos que é nesse aspecto que o autor se impõe realmente. “Difícilmente haveria alguém que abordasse esse tema das eleições no interior com mais segurança e olho clínico” (Linhares, 1978, p. 206). Entrementes, já em outras passagens de *Vila dos Confins*, o evidente tom professoral culmina com uma assertiva

que pode provocar o riso no leitor. O elemento regional aí se associa ao episódico e ao anedotário. Eis um bom exemplo:

– Aprenda isto, Seu Gerônimo: velhacaria é no reino das águas, uns se defendendo dos outros, desde o dia em que nascem. Quem não aprende essa regra acaba no bucho dos mais espertos. Peixe é bicho muito inteligente: inventa modas, muda de cor para se confundir com o lodo do fundo, fabrica e esparrama em volta tinta escura ... São uns sabidões, Seu Gerônimo. Burro é quem pensa que peixe é burro ... (Palmério, 1983, p. 279)

Palmério ainda descreve, nas palavras do narrador, o garimpo de bateia naquela região. A descrição é sucinta, abrangendo desde o processo da garimpagem e a vida no garimpo, até a figura do garimpeiro; seus sonhos e frustrações (Palmério, 1983, p.112-115). O mesmo ocorre com os hábitos do urubu nativo (cap. 21, p. 203), trecho que impressiona o leitor pela personificação da ave, como aliás já havia sido feito com o galo João Fanhoso, no capítulo 8 da página 75.

Finalizando, é ainda digno de nota outra passagem em que o traço professoral do autor pode culminar com uma possível indagação do leitor: “A tarde já esticava a sombra do pé-de-pato bem para lá do meio do rio. Regressavam às casas, na ramaria do mato, bandos de passarinhos. E também os casais de aves honestas, as de um marido só e de uma só mulher” (Palmério, 1983, p. 276). Ora, caso o leitor não possua algum conhecimento sobre aves, ficará sem saber a que tipo de pássaro se faz referência no texto. É possível que o professor Mário Palmério quisesse de fato despertar a curiosidade do aluno-leitor, incitando-o assim a querer descobrir de que ave se trata. Pesquisando sobre o assunto, vimos que deve tratar-se, provavelmente, de pássaros da avifauna nativa da ordem dos psitacíformes: papagaio, periquito, arara, maritaca e outros – que possuem apenas um companheiro(a), durante toda a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, N. A. *Estudos sobre quatro regionalistas: Bernardo Elis, Hugo C. Ramos, Carmo Bernardes, Mário Palmério*. Imprensa da UFG, 1968.

CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

LINHARES, T. *Diálogos sobre o romance brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1978. Capítulo 49, p. 204-207.

PALMÉRIO, M. *Vila dos Confins*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974.

_____. *Vila dos Confins*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

REVISTA DO LIVRO, ano III, março-1958. n.º 9.

_____, ano III, junho-1958. n.º 10.

SEGATTO, J. A. Cidadania de ficção. In: _____. BALDAN, Ude, SEGATTO, José Antonio (Org.). *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.